

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Última Hora*

Class.: 108

Data: 13/14 de janeiro de 1978

Pg.: _____

SERTANISTA



Os índios assalariados estão ocupando as chefias dos postos

Apoena Meirelles, 29 anos, casado com a antropóloga Denise Meirelles, desenvolvendo trabalhos de contatos há mais de 13 anos. E agora, como novo diretor do Parque Nacional do Xingu, Apoena não melhora que fazer trabalhos de atração de grupos, as liderar um grupo indígena talmente diverso dos que ele está acostumado: os xi guanos, em acelerado processo de aculturação. Essa será uma das metas do ex-diretor do PARQUE Aripuanã, em Rondônia: "Tentarei, de forma paciente e lenta, desacelerar esse inevitável processo". Outras metas de sua administração serão a saúde — através do auxílio da Escola Paulista de Medicina, que recentemente sanou um surto de sarampo — e a terra.

— "Jeu institui uma comissão para medir a área ao norte do Xingu, em Janina, elementos do Parque do Xingu, da Plantel — empresa que fez a demarcação da área — da Funai e os índios irão verificar essas terras que estão sendo reivindicadas".

Quanto à questão da emancipação, o novo diretor do Parque Nacional do Xingu analisa problemas jurídicos, administrativos e sociais, mas conclui dizendo simplesmente que, "se o governo não emancipou 110 milhões de brasileiros para eleger o presidente da República, governadores e parte do Senado, não pode pensar na emancipação do índio, pois todos nós somos tutelados".

"Um índio chegou até a me pedir uma hidrelétrica"

Sertanista preocupado com a atual situação dos índios brasileiros, Apoena Meirelles decepçionou-se, principalmente, com o atual estágio dos índios do Xingu. O aspecto mais grave do Parque — hoje com 1.500 índios — é consequência direta das pressões sociais. Apoena prefere não acusar, citar nomes ou medidas que tenham permitido a pene-

tração de valores ditos "civilizados". Mas a realidade é que encontrou uma aldeia totalmente desvirtuada em seus princípios primeiros.

— "Encontrei índios pescando com equipamentos sofisticados. Um índio chegou até a me pedir uma hidrelétrica, eu argumentei com ele, mas todos estão deslumbrados com o progresso, com o circuito de televisão interno para trabalho de educação, com o trator de estira. Esses equipamentos geram um outro problema, mais grave, o tempo ocioso".

e o grupo levava 90 dias para trabalhar a terra, com o trator levará muito menos.

E o que fará nos dias restantes, já que também terá reduzido o tempo de pesca com novos e modernos equipamentos? O resultado parece conduzir a uma triste realidade: a transformação de uma sociedade harmoniosa, equilibrada, em uma sociedade desumana, tenebrosa como a nossa. Assim, teremos índios com problemas de desequilíbrio emocional tal qual um paulistano, gordos, agitados, ociosos, desequilibrados e — o pior — competidores.

Além da competição normal por bens materiais que começa a existir no Parque, um fator ainda mais grave diz respeito a lideranças, ou rivalidade entre novos e velhos líderes.

— "O Parque — afirma Apoena — sofre o processo de formação de nova elite: são os índios assalariados que estão ocupando as chefias dos postos. Normalmente, são jovens que falam nossa língua, que constantemente estão nas capitais e em contato com a civilização. Eles passam a ter com o cargo uma espécie de poder, de "status" que quebra a harmonia da comunidade. Os velhos líderes, capitães naturais, chefes religiosos, sentem a perda de seu prestígio".

Assim, Apoena pretende não retirar totalmente a condição dos chefes de postos, que poderiam se revoltar, mas ir, aos poucos, fortalecendo as lideranças autênticas, naturais, em detrimento das li-

deranças novas que, na realidade, foram impostas e criadas pela direção da Funai.

— "Isso eu tentarei fazer discutindo com os chefes de postos exclusivamente problemas administrativos e com os líderes velhos os reais problemas que envolvem o Parque, como terra, distribuição de brindes e outros assuntos".

"Índios deslumbrados com o processo de aculturação"

Os problemas que Apoena terá de enfrentar não são tão graves para ele como a manipulação feita recentemente dos índios contra a sua indicação para dirigir o parque. Prefere não entrar em acusações e nem citar nomes mas lamenta o clima de sua posse, após a demissão do antigo diretor Olímpio Serra.

— "Esse episódio foi uma molecagem, com intenção deliberada de diminuir um trabalho digno que os sertanistas Villas Boas desenvolveram por trinta anos. Eles estão velhos e isso foi uma maldade. Não quero acusar ninguém, mas acho que nada disso teria acontecido se não tivesse ocorrido uma manipulação dos índios".

A hostilidade dos índios do Xingu no início de dezembro passado não teria acontecido se, como fez Apoena ao deixar o Parque de Aripuanã, o ex-diretor tivesse explicado que um novo membro assumiria o cargo. No entanto, jogos políticos se travaram para que ficasse comprovada uma rebelião dos índios, principalmente contra os sertanistas Villas Boas, que há três anos foram substituídos por um antropólogo.

— "Na realidade isso é o ideal. O sertanista serve para o primeiro contato. O antropólogo, que tem um conhecimento teórico maior, serviria para o segundo momento que é o da aculturação lenta. Eu esperava um Xingu como na época dos Villas Boas, mas encontrei índios deslumbrados com o processo de aculturação. Os antropólogos deveriam ter feito um trabalho de conscientização, mostrando ao

índio a força de sua cultura, de seus valores e, então, tudo seria dosado, sem deslumbramento".

"O importante não é ser bonzinho, mas útil aos índios"

O fechamento do Parque Nacional do Xingu por 60 dias — a partir de 22 de dezembro — foi uma medida do presidente da Funai e não de Apoena, que, no entanto, destaca não haver qualquer tipo de tentativa de impedir o trabalho dos antropólogos.

— "Nós reconhecemos o trabalho desses estudiosos, principalmente no campo das pesquisas científicas, e não tentaremos nunca cercar suas atividades. O fechamento do Parque teve a única finalidade de tomarmos consciência da situação em que ele se encontrava".

Para isso, Apoena esperava contar com a ajuda do antigo diretor do Parque, mas Orlando Serra até agora não entrou em contato com ele.

— "Agora eu espero só contar com os Villas Boas, que me mostrarão o caminho, inclusive para dizer uns não aos índios, que estão acostumados a pedir coisas, bens materiais da civilização moderna. Nossa intenção não é ser bonzinho e sim ser útil ao índio".

Talvez tenha sido essa também a intenção da antiga administração, ao firmar convênio com a Funai, com Funabem e LBA, para fornecer materiais visando suplementar a fundação de recursos para maior assistência ao índio. Mas o resultado é lamentável: índio pescando de pé-de-pato de borracha, máscara, acessórios; índio trabalhando a terra com trator e crianças brincando no grande "playground" do Parque.

— "O deslumbramento é natural, mas temos que ir tentando revertê-lo, lentamente, esperando que, por exemplo, um trator quebre e eles se esqueçam desses objetos sofisticados".

Fátima Turci